

Identificação do Objeto



Número: 84.013
Coleção: Museu do Zebu
Categoria do Acervo: Mobiliário
Classificação: Mobília de decoração simbólica e religiosa
Título: Oratório
Data e Modo de Aquisição: 09.03.1984 / doação
Código do Doador: 004
Data atribuída: Primeira metade do século XX
Origem: Uberaba, MG
Material e Técnica: Ferro, madeira, montagem e carpintaria
Conservação: Regular
Dimensões: 59,5 x 22,8 x 34,6 Cm

Descrição e Dados Históricos do Objeto

Oratório de uso popular, integrante em capelas domésticas, talhado em madeira com detalhes de proteção de ferro, sob a técnica de montagem e encaixe. É todo elaborado sob a forma quadrada, onde a parte superior é estabelecida em módulos retangulares. Cada parte dele corresponde a 2 cm da total das quadraturas. Contém ainda 4 dobraduras situadas nas 2 portas dianteiras, onde uma pequena fechadura fixada na parte superior da entrada está acoplada. Cada um dos quatro pés da peça medem 5 cm de altura. De origem cristã, o Oratório é um espaço reservado para abrigar as imagens de santos, a princípio destinado à devoção particular. Originou-se na Idade Média, sendo até os dias atuais utilizado nas casas como local de oração. Inicialmente, foram construídos e pensados para as residências oficiais de personalidades de destaque (ou não) nos meios sociais, políticos e religiosos, como reis, imperadores, eclesiásticos, proprietários de terras e comerciantes. As famílias mais ricas também passaram a ter seus altares particulares à medida que o culto aos santos se propagava, quando as capelas passaram a ser frequentadas por associações leigas ou confrarias. Esse hábito europeu popularizou-se no Brasil enquanto Colônia portuguesa. Aos poucos, tal tradição espalhou-se pelas fazendas, senzalas e residências como local de culto privado ou público, acompanhando o pleno desenvolvimento das vilas, freguesias, cidades e províncias que foram se desenvolvendo na região. Era comum a existência de tropeiros que circulavam com oratórios de santos de suas devoções, como a padroeira Nossa Senhora da Boa Viagem. Alguns deles vendiam santos de barro cozido, peças pequenas que se tornaram conhecidas como paulistinhas. Os oratórios constituem um panorama estético e antropológico ao retratar os usos e costumes de uma sociedade que em sua formação adquiriu uma cultura tipicamente religiosa, com predominância do catolicismo, e miscigenada. Segundo registros históricos existentes na Biblioteca Nacional, as caravelas de Cabral chegaram ao Brasil em 1500 trazendo um exemplar com a imagem de Nossa Senhora da Esperança, iniciando uma tradição que aos poucos se propagou pela Colônia. Esses utensílios religiosos desempenhavam inúmeras funções que variavam desde guardiões dos santos patronos de cada fiel, portanto

individualizados, até versões coletivas instaladas em locais públicos - as ermidas. Muitas vezes refletiam a função social da mulher, voltada para a contemplação e obediência às vontades de uma sociedade patriarcal que, na maior parte do território, era dominante naqueles tempos. Distribuídas pelo museu de acordo com suas funções, essas amostras, a maioria de autoria desconhecida, aparecem em versões e estilos variados, geralmente coloridos, ora suntuosos, ora simples. Destacam-se os oratórios populares domésticos, oratórios itinerantes ou de viagem, encontrados em duas vertentes: oratórios de algibeira, usados como amuletos de proteção pelos viajantes e até os "oratórios-bala", com formato semelhante às balas de cartucheira. Há ainda os oratórios afrobrasileiros, símbolos do sincretismo religioso; oratórios ermidas, de uso comunitário, comuns nas casas grandes do Nordeste e nas fazendas de Minas Gerais; oratórios-concha, decorados com conchas, guirlandas e buquês; oratórios-lapinhas, tipicamente mineiros, compostos por duas partes: no alto a cena do Calvário e na parte inferior o presépio; e os oratórios de convento, elaborados por freiras de acordo com a tradição decorativa portuguesa. Importante considerar aqui que esses objetos incrementaram as fazendas dos grandes senhores das terras, principalmente durante a fase em que havia a predominância da cultura do açúcar. Provavelmente, esse oratório pertenceu à família do doador. Foi doado por Demilton Dib em 09 de março de 1984, arquiteto, engenheiro e decorador, ex-conselheiro do Museu do Zebu. Segundo registros, integrou o acervo do museu durante a exposição O Zebu no Brasil, realizada em 1988.